AVICULTURA – A elevação dos preços da soja e do milho criou dificuldades.

Segundo informações da **Associação dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco)**, a produção de frangos, em 1988, foi menor do que a de 1987, mal chegando a 1,95 milhão de t, frustrando a expectativa de que se aproximaria do desempenho da pecuária de corte.

Tal resultado derivou-se da forte contração da atividade ao longo do ano. A relação entre as produções real e potencial de pintos de corte, de janeiro a novembro, foi a mais baixa desta década, não ultrapassando 72% (ver Quadro 56).

Em outras palavras, os avicultores levaram a sério a necessidade de diminuírem sua oferta, para que conseguissem sustentar os preços do produto. Afinal, desde 1987, a situação econômica do país apontava na direção de violenta retração no consumo de alimentos, subproduto da aceleração inflacionária e do processo de arrocho salarial.

Simultaneamente, os criadores viam crescer seu potencial produtivo. O alojamento de matrizes para corte atingiu 7,9 milhões de cabeças durante o segundo semestre de 1987 (16% a mais do que o total da primeira metade daquele ano), e, no início de 1988, a **Apinco** alertava que o potencial de produção de pintos de corte para o ano estava estimado em 1,9 milhão de cabeças, 36% acima da produção real obtida em 1987.

QUADRO 56 – BRASIL – PRODUÇÕES POTENCIAL E REAL DE PINTOS DE CORTE – 1980 A 1988[1] – (em mil cabeças)

ANO	PRODUÇÃO POTENCIAL (A)	PRODUÇÃO REAL (B)	B/A
1980	1.088.065	1.008.050	0,93
1981	1.475.547	1.116.135	0,76
1982	1.524.069	1.165.199	0,77
1983	1.437.642	1.108.925	0,77
1984	1.345.620	1.077.076	0,80
1985	1.316.017	1.151.982	0,88
1986	1.418.400	1.273.822	0,90
1987	1.569.986	1.393.262	0,89
1988[1]	1.733.934	1.254.384	0,72

FONTE – Associação dos Produtores de Pintos de Corte.
1 janeiro a novembro.

Através de intensa campanha de esclarecimento junto aos produtores, conseguiu-se, portanto, que o alojamento de matrizes para corte fosse, mensalmente, inferior em, no mínimo, 5% ao de um ano antes, durante o primeiro semestre de 1988. Na segunda metade do ano, este processo se intensificou, chegando a concentração a alcançar 29%, em agosto, e 17% no acumulado janeiro/novembro.

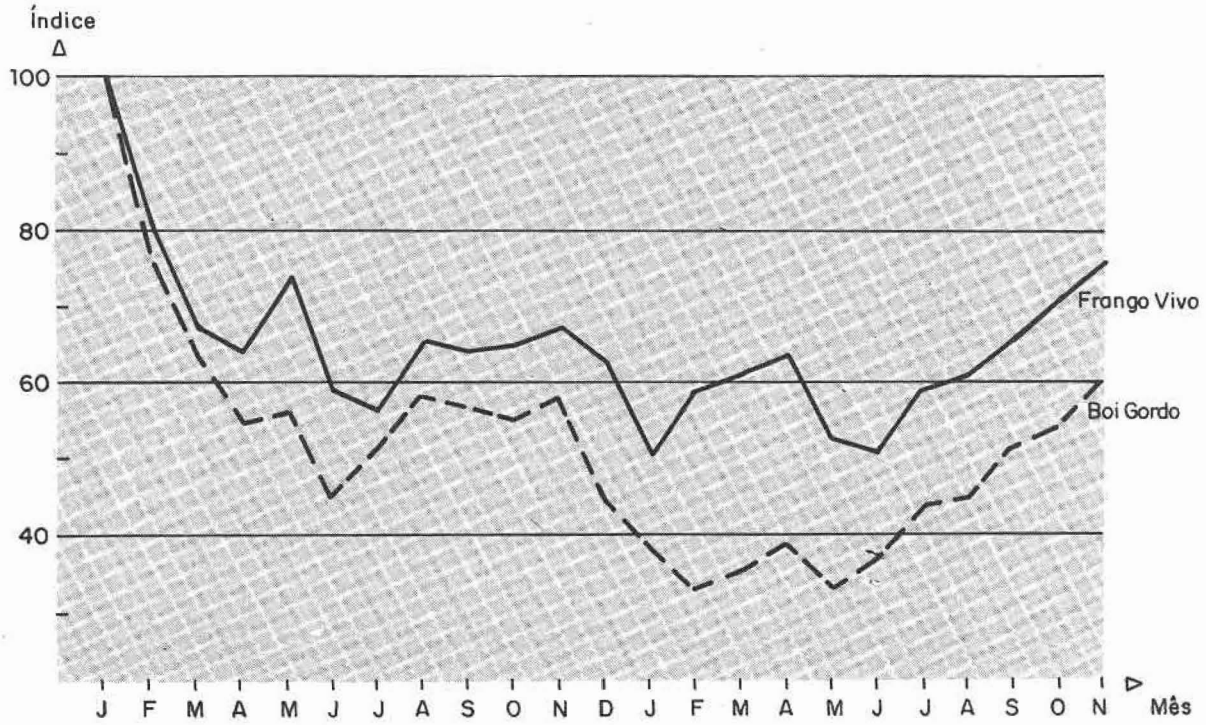
Houve conseqüência sobre a produção mensal de pintos de corte. Até novembro último, o total produzido chegou a 1,3 bilhão de cabeças, 2% a menos do que um ano antes e 28% a menos do que o potencial. Ressalte-se, porém, que o propalado projeto de se reduzirem os prejuízos dos criadores, através da limitação desta oferta a não mais do que 100 milhões de cabeças por mês, não chegou a ser obtido, tendo a média mensal desta produção alcançado 114 milhões de cabeças.

Não só se sustentaram os preços da ave ao longo do ano, como também ocorreu aumento real acumulado da ordem de 19% de janeiro a novembro, no caso do frango vivo (ver Gráfico 06).

É interessante observar que, embora a tendência dos preços da ave tenha acompanhado de perto os da carne bovina ao longo de todo o ano passado, em todos os meses houve distanciamento considerável entre os dois alimentos, não só favoravelmente à carne branca, como, também, em muito maior intensidade do que o registrado em 1987. Ou seja, pareceria que a avicultura não só teria conseguido uma maior **aderência** entre a oferta e a demanda, como também se teria alcançado maior fidelidade por parte dos consumidores.

SÃO PAULO – ÍNDICES[1] DE PREÇOS RECEBIDOS REAIS[2] MENSAIS PELOS PRODUTORES DE FRANGO VIVO E BOI GORDO 1987-88

GRÁFICO 06



FONTE – IEA.

1 Janeiro de 1987 = 100;

2 corrigidos pelo IGP-DI, para novembro de 1988.

Este último aspecto seria comprovado pelo aumento da vantagem comparativa da aquisição da carne bovina frente à avícola, no varejo da cidade de São Paulo (ver Quadro 57). Conquanto a relação de preços entre a carne bovina e o frango limpo tenha sido mais favorável à primeira durante o ano de 1988 do que o fora em 1987, observa-se que o preço real recebido pelos avicultores foi, de janeiro a novembro, 12% inferior ao de um ano antes, enquanto o do boi gordo registrou desvalorização da ordem de 31%. Ou seja, a desvalorização relativa da carne bovina tradicionalmente levaria ao aumento do consumo do frango, o que acarretaria pressão sobre seus preços (a despeito da contração da oferta). Como tal não ocorreu, os motivos pareciam residir não só na acentuação do arrocho salarial (já que, em termos absolutos, o preço da carne vermelha ainda é muito mais alto do que o da avícola) como, também, na expansão do consumo de carne de frango (ver **box**).

Quanto aos insumos, não foram poucas as reclamações dos criadores, justificadas pelo fato de o preço relativo **frango/ração**, de janeiro a novembro, em **São Paulo**, não ter ultrapassado 2,3, o mais baixo nível desde o início da década passada. Saliente-se, porém, que o preço pago pela ração para ave de corte não apresentou, no período, aumento acumulado real, segundo o **Instituto de Economia Agrícola**.

Pelo lado das exportações de carne de aves, as avaliações da **Associação Brasileira dos Exportadores de Frangos (Abef)** dão conta que, de janeiro a novembro, exportaram-se 218 mil t, 12% a mais do que no mesmo período do ano passado, sugerindo que as vendas anuais deverão ficar aquém da meta de 270 mil t originalmente fixada. A receita foi de US$ 205 milhões, tendo o preço médio se situado em US$ 941/**fob**, 7% a menos do que em 1987.

A estatística discriminada das vendas informa que 70% foram de aves inteiras e 30% de aves em partes, contra 76% e 24%, respectivamente, no mesmo período do ano precedente. Portanto, deduz-se que cresceram as dificuldades na realização de vendas aos tradicionais compradores do **Oriente Médio**.

Nem mesmo as exportações de partes escaparam a esta tendência. O preço médio obtido para esta mercadoria, de janeiro a novembro, foi de US$ 1,3 mil/t-**fob**, 8% a menos do que um ano antes. O preço médio das vendas de carne avícola em geral depreciou-se 7%, ultrapassando US$ 941/t-**fob**.

Em 1989, os avicultores esperam recuperar seus índices de lucratividade. Para tanto, pretendem insistir na necessidade de se manter contraído o alojamento de matrizes para corte, ao mesmo tempo em que tiram partido da maior duração da

No fim de 1988, a produção brasileira de carne bovina foi estimada, pelo **Ministério da Agricultura**, em 2,4 milhões de t, subentendendo consumo aparente **per capita** de 13,5 kg/ano, uma vez que as exportações foram estimadas em 400 mil t. No que diz respeito à carne de aves, a produção e as vendas ao exterior alcançaram, respectivamente, pouco mais de 2 milhões de t e de 200 mil t, sugerindo ingestão **per capita** anual de 12,4 kg.

Este último indicador, se bem que ligeiramente menor do que os 12,8 kg **per capita** registrados em 1987, ainda é significativo em termos de hábito alimentar da população brasileira. Afinal, não faz muito tempo, no início da presente década, o número era de não mais do que 9,5 kg habitante/ano, enquanto que, para a carne bovina, o patamar era de 15,6 kg habitante/ano.

É óbvio que, por trás deste processo, salienta-se a crise econômica como fator determinante. Afinal, já faz algum tempo que os salários vêm diminuindo em termos reais. Assim, a carne de ave **ganha a corrida** dos orçamentos familiares, deixando para trás as carnes bovina e suína.

Em outros termos, estar-se-ia trilhando, no país, o mesmo caminho seguido pelos consumidores norte-americanos, que, desde o final da década de 70, vêm diminuindo a ingestão de carne bovina em favor das de aves (ver Quadro). Também naquele país, os motivos foram o menor preço da carne branca, aliado à ampla gama de opções de aquisição do produto pronto, tanto para consumo como para cozimento rápido, e às advertências médicas quanto aos malefícios originados da ingestão de colesterol contido nas carnes vermelhas.

No caso brasileiro, é a fraqueza econômica do país que, obviamente, adiciona matizes fortes a este quadro. De acordo com a **Pesquisa de Orçamentos Familiares**, realizada pelo **Centro de Estudos de Consumo**, da **Fundação Getulio Vargas**, em 1960, consumiam-se, no **Brasil**, 27,2 kg/ano **per capita** e 2,5 kg/ano **per capita** de carne bovina e avícola, respectivamente, números que evoluíram para 9,4 e 8,2 kg no período 1985/86.

No caso da avicultura brasileira, o aumento da participação desta carne nos cardápios familiares foi impulsionado pela rápida absorção dos avanços tecnológicos desenvolvidos pelos países mais avançados, na criação de aves, e que se traduziram, primordialmente, em maior conversão alimentar e redução do período de engorda.

No entanto, não se devem olvidar dois fatores que, discretamente, estariam também contribuindo para este processo, à semelhança do já verificado nos **EUA**.

O primeiro seria a aceleração do ritmo de vida das pessoas nas grandes cidades, implicando a crescente procura por alimentos de maior praticidade, no que se refere ao preparo. Neste caso, é nítida a vantagem comparativa da ave frente ao boi, desde que as grandes indústrias passaram a apresentá-la semi-pronta ou pronta para cozimento tanto em partes como inteira. Proliferaram os pontos de venda de frangos assados bem como os embutidos de frango. Igualmente, a sofisticação do frango tipo **chester** e os frangos congelados defumados abriram novos horizontes na culinária da classe média em geral.

O segundo fator diz respeito à maior crítica quanto ao tipo de alimentos ingeridos e sua influência sobre a saúde humana. Neste caso, a ave passou a ser percebida como fornecedora de carne magra e saudável, ideal para uma alimentação que objetivasse a manutenção tanto da qualidade coronariana quanto do peso corporal, ao contrário da carne bovina e, principalmente, da carne suína.

EUA – CONSUMO PER CAPITA **DE CARNES – 1970 A 1989[1] – (kg/ano)**

ANO	BOVINA	SUÍNA	AVÍCOLA	TOTAL[2]
1970	38	28	22	91
1971	38	31	22	93
1972	39	29	23	93
1973	37	21	22	87
1974	39	28	23	91
1975	40	23	23	88
1976	43	24	24	93
1977	42	25	25	92
1978	40	25	25	92
1979	35	29	28	93
1980	35	31	28	94
1981	35	29	28	94
1982	35	27	29	92
1983	36	28	30	95
1984	36	28	30	96
1985	36	28	32	98
1986	36	27	33	97
1987	33	27	35	97
1988[1]	33	29	37	100
1989[1]	30	29	38	98

FONTE – USDA.

[1] Previsão; [2] todas as carnes.

QUADRO 57 – SÃO PAULO – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS NO VAREJO DO FRANGO LIMPO E DA CARNE BOVINA – JANEIRO DE 1987 A NOVEMBRO DE 1988 (Cz$/kg)

ANO	FRANGO LIMPO (A)	CARNE BOVINA (B)	B/A
1987			
JAN	1.602	2.622	1,64
FEV	1.048	1.958	1,87
MAR	870	1.722	1,98
ABR	748	1.540	2,06
MAI	880	1.573	1,79
JUN	697	1.230	1,76
JUL	586	1.354	2,31
AGO	560	1.440	2,57
SET	607	1.361	2,24
OUT	638	1.392	2,18
NOV	624	1.430	2,29
DEZ	569	1.240	2,18
1988			
JAN	564	1.082	1,92
FEV	579	925	1,60
MAR	653	906	1,39
ABR	629	993	1,58
MAI	594	870	1,47
JUN	561	924	1,65
JUL	614	1.040	1,69
AGO	657	1.134	1,72
SET	758	1.293	1,71
OUT	724	1.280	1,77
NOV	825	1.373	1,66

FONTE – IEA/SP.
[1] Corrigidos pelo IGP-DI, para novembro de 1988.

atual entressafra de carne bovina. Assim, em um contexto de oferta apertada de proteínas animais em geral, haverá espaço para a manutenção do preço real do frango, o que poderá se revelar especialmente compensador, caso perdurem as reavaliações baixistas da safra de milho de 1988/89.

Pelo lado do mercado externo, também reina certo otimismo. A quebra da safra norte-americana de milho, em 1988, e a perspectiva de que a oferta de carne bovina naquele país, em 1989, seja 6% inferior à do ano anterior, fazem prever clara tendência de aumento interno do preço da ave. Como tem crescido a presença dos EUA nas exportações mundiais de carne avícola, a cotação internacional do produto deverá subir, favorecendo as vendas brasileiras.

BOVINOCULTURA DE CORTE E LEITE – A excessiva matança de fêmeas comprometerá a capacidade produtiva do rebanho.

Nos estabelecimentos industriais, o abate de bovinos totalizou 10,9 milhões de cabeças ou 2,3 milhões de t nos onze primeiros meses de 1988, significando acréscimos de 13% e 8%, respectivamente, em relação aos números registrados em igual período do ano anterior. O peso médio das carcaças ficou em torno de 206 kg, inferior aos 214 kg alcançados em 1987. Houve excessiva matança de fêmeas (quase 4 milhões de cabeças), o que pode vir a comprometer a capacidade produtiva do rebanho, incluindo a produção de leite.

Com menor fluxo de animais para abate, durante o segundo semestre, o boi gordo obteve excelentes cotações no mercado (entre junho e dezembro, as altas mensais variaram de 30% a 40%). Nos doze meses de 1988, o preço da arroba aumentou 1.160%, na média brasileira, 1.411%, em **São Paulo**, 1.302% em **Goiás** e 1.290%, em **Minas Gerais** (ver Quadro 58).

Quanto ao leite, o volume destinado à indústria, entre janeiro e novembro, somou 8 bilhões de litros (+ 3%). A produção diminuiu mais do que o verificado costumeiramente nos meses de entressafra, devido à seca no **Centro-Sul** e aos baixos preços pagos ao produtor (reajuste médio de 798%, muito aquém, portanto,

QUADRO 58 – BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO – VARIAÇÃO PERCENTUAL DO PREÇO DO BOI GORDO PARA CORTE – JANEIRO A DEZEMBRO DE 1988

ESTADO	VARIAÇÃO (%)
Rondônia	789
Acre	1.039
Amazonas	1.286
Roraima	953
Pará	1.009
Maranhão	895
Piauí	856
Ceará	1.126
Rio Grande do Norte	1.172
Paraíba	1.065
Pernambuco	1.163
Alagoas	1.121
Sergipe	1.164
Bahia	1.054
Minas Gerais	1.290
Espírito Santo	1.127
Rio de Janeiro	1.253
São Paulo	1.411
Paraná	1.059
Santa Catarina	1.037
Rio Grande do Sul	1.182
Mato Grosso do Sul	1.319
Mato Grosso	1.097
Goiás	1.302
BRASIL	1.160

FONTE – FGV/Ibre/Cea.

dos índices que medem a inflação).

No mercado varejista da cidade do **Rio de Janeiro**, o leite fresco ficou 931% mais caro e o leite em pó integral, 1.115%. Os queijos subiram entre 988% (tipo Minas) e 1.242% (tipo prato); a manteiga, 1.449%. No caso da carne bovina, as altas variaram entre o mínimo de 1.089% (contrafilé e chã) e o máximo de 1.540% (capa de filé).



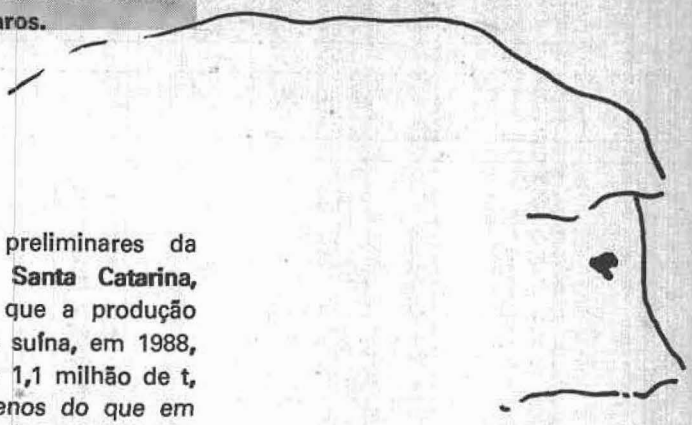
OVOS – Prosseguiu a retração da oferta, devido às dificuldades do mercado.

A produção brasileira de ovos em 1988 foi, segundo a **Associação Paulista de Avicultura**, de 1,24 bilhão de dúzias, 3% a menos do que em 1987. Este desempenho derivou da contração observada junto ao alojamento de matrizes, que diminuiu 16% no período. Já o plantel estimado de poedeiras foi 4% menor.

O segmento avícola de postura prosseguiu, assim, em sua estratégia de retração de oferta, face à incapacidade de o mercado consumidor absorver a produção potencial, derivada do acentuado aumento do rebanho registrado ao longo do ano de 1986.

O **Instituto de Economia Agrícola – SP** calculou que o preço médio anual da dúzia de ovos recebido pelos produtores, no estado de **São Paulo**, foi 3% inferior, em termos reais, ao de 1987, enquanto o preço relativo ovo/ração praticamente não se alterou, estabelecendo-se em 1,65.

SUINOCULTURA – A produção de carne suína diminuiu e os insumos tornaram-se mais caros.



Avaliações preliminares da **Cepa**, de **Santa Catarina**, informam que a produção brasileira de carne suína, em 1988, deve ter alcançado 1,1 milhão de t, *cerca de 8% a menos do que em* 1987. Os abates **sif** contabilizados pelo **IBGE**, de janeiro a outubro, foram de 8,8 milhões de cabeças que, ao peso médio da carcaça da ordem de 66 kg/cabeça, significaram produção de 585 mil t.

A partir de maio, e até outubro, os abates **sif** mensais de suínos foram inferiores aos de um ano antes, refletindo a menor oferta de animais terminados. Este fato, por sua vez, foi conseqüência da retração das criações, desde que algumas dificuldades no mercado desestimularam os produtores em 1987 (ver **Agroanalysis**, volume 12, numero 2, fevereiro de 1988).

Com a valorização dos preços do boi gordo à época de sua entressafra, e o aumento dos preços do milho desde o fim da colheita da safra 1987/88, os suinocultores buscaram a valorização da carne por eles produzida. Esta tendência se acentuou no início do último trimestre do ano quando, tradicionalmente, inicia-se a movimentação da indústria para as aquisições necessárias ao atendimento da maior demanda, no final do ano.

Em novembro, o preço real médio recebido pelos criadores na região **Sul** do país era 24% maior do que o de janeiro e 17% superior ao de um ano antes. No entanto, o valor registrado foi sistematicamente menor do que os patamares reais observados no mesmo mês dos anos de 1986 (–46%), de 1985 (–32%), de 1984 (–37%) e de 1983 (–40%).

Da mesma forma, o preço relativo **suíno/milho** de 1988, na região **Sul**, só ultrapassou o considerado **break-even point** de 6,0 nos meses de agosto e setembro, tendo a média de janeiro a novembro sido de 5,9.

Em outras palavras, embora a carne suína tenha sido apontada como uma das **vilãs** da inflação do final do ano, a ponto de levar o governo a determinar importações do produto, pelo lado financeiro não houve lucratividade para os criadores.

